

17 NOV 1993

Insustituível e insustentável

VILLAS-BÔAS CORRÊA*

O Congresso dispõe de dois caminhos para dar a volta por cima da crise que corrói suas entranhas, exibidas, como em filme pornô, na nudez indecente da CPI do Orçamento e expostas na denúncia de índices desmoralizantes de rejeição popular, na recente pesquisa do Ibope. Ou apela para a maquiagem, para o expediente clássico da meia sola pregada na sandália esburacada, ou vai fundo na análise da crise institucional e pega firme em mutirão reformista, aproveitando a rara oportunidade da revisão constitucional.

No primeiro caso, o Legislativo apenas adiará o problema, empurrando-o com a barriga. O que é a saída escapista mais provável ou quase certa. O palco da CPI, com sua programação completa, agenda cheia pelas exibições do oportunismo eleitoral, não correrá a cortina após o último ato da aprovação do relatório do tinoso deputado Roberto Magalhães. A CPI se desdobrará em outros shows e dará filhotes. Seu filho legítimo já tem data anunciada para vir à luz: o relator confirma que incluirá em seu trabalho — além das peças rotineiras do histórico das patifarias apuradas, da listagem dos culpados, com as respectivas punições propostas — um elenco de sugestões para corrigir as distorções que facilitaram a formação da quadrilha e sua continuada operação de pilhagem, desviando bilhões das verbas orçamentárias.

Estamos, portanto, diante de solução de meio termo. Nem o deputado Roberto Magalhães se limitará a expor a atuação dos anões e seus métodos de saque nem irá às últimas de oferecer um projeto de reformulação do Legislativo.

Convém esperar para conferir até onde o relator avançará na denúncia das mazelas do Congresso ou, cedendo às cautelas que não se ajustam à sua biografia e ao seu temperamento, fincará os pés na terra, evitando vôos no espaço, no embalo das fórmulas químéricas.

Mas a CPI não cerrará simplesmente as portas depois de dar o seu recado e recolher os aplausos da plateia agradecida. Se não conseguir dar conta da tarefa antes de aberto o prazo da revisão constitucional para a apresentação de emendas, será a fonte de inspiração para dezenas, centenas de iniciativas de parlamentares ansiosos por uma carona na viatura eleitoral da moda. Se terminar antes, seu relatório formalizará propostas.

A revisão constitucional foi atropelada pela CPI, sofrendo escoriações generalizadas, das quais ainda convalesce a duras penas. Seu calendário foi para o vinagre; por pouco ela própria não sucumbiu, soterrada pela avalanche de escândalos, pelo pus do tumor que inundou o Congresso e o paralisou; no estupor da vergonha.

Chegou a hora da virada. A CPI fornecerá a revisão, na bandeja, seu tema prioritário, com o respaldo da sociedade, exigente e atenta na cobrança das suas reivindicações. É evidente que a pauta da revisão virou pelo avesso. Um assunto que parecia secundário, e que talvez passasse ao largo, virou bandeira disputada por partidos e candidatos. O Congresso está na berlinda, ao mesmo tempo réu e juiz das suas estripulias, no duplo papel de investigador e denunciante de suas falhas e de revisor da instituição ameaçada.

**O Congresso
está na
berlinda, ao
mesmo
tempo réu e
juiz de suas
estripulias.**

Até onde o Congresso cortará na própria carne, para decepar os nacos podres antes que a gangrena se alastre por todo o organismo, mas suportando a operação até a recauchutagem institucional, só o tempo dará a resposta exata.

Certamente que é difícil, muito pouco provável, que a onda da indignação nacional, encrespando na ressaca de nojo que execra o Legislativo com o des-

prezo e o descrédito popular, conferidos em todas as pesquisas, o obrigue a ir além do superficial, das medidas paliativas, da limpeza que se contenta em varrer o lixo e espanar o pó, quando a casa exige reforma em regra, antes que desabe ao peso do voto negado, do voto em branco, do voto de protesto que se anula com o palavrão.

Não há exagero. Estamos chegando lá. Até aqui o eleitorado vem protestando numa mistura de votos nulos e em branco, na abstenção crescente ou no voto da renovação que planta inevitáveis frustrações, reincidindo no equívoco de guiar-se pelas aparências ou pelos preconceitos para improvisar lideranças. Sabe-se que não dá certo. Renovado em mais da metade, este Congresso é o pior de toda a história republicana. Nada sugere que o próximo será melhor. Com alguma imaginação, é possível que piore. A improvisação irrefletida, num impulso de reação e de esperança, ungiu um salvador da pátria que teve que ser escorraçado, com apoio consensual da sociedade, num fugaz instante de reconciliação do Congresso.

No andar da carruagem, na hora em que a revisão superar a fase irritante e burocrática da votação dos destaques ao projeto de regimento interno e arrancar para valer, não será surpresa se a mobilização da militância definir claramente suas exigências de mudanças radicais. A verdade é que o Congresso está marchando, no tardo passo da perplexidade, para o canto do beco. Nunca é demais repetir o sabido: o Legislativo é insubstituível como peça fundamental da engrenagem democrática. Mas este Congresso, no seu modelo superado, murcho como bagaço que deu o que tinha, entrou no corredor do questionamento e começa a ser etiquetado como insustentável.

Inchou como doente terminal, infectado de escândalos, esparramou-se pelos espaços da ociosidade e perdeu-se no gigantismo de mortal ineficiência. A instituição clama por socorro. Ainda é tempo de salvá-la, antes da operação de emergência, a todo risco, pelo bisturi dos seus desafetos.

* Comentarista político do JORNAL DO BRASIL.